

Abraçar Caeiro, Mirar Campos

[To Embrace Caeiro, To Gaze at Campos]

Gabriel Albuquerque*

SIMPSON, Pablo (2021). *O tio da caminhonete: road poem ou 24 variações sobre um poema de Alberto Caeiro*. Desenhos de Fernando Morato. São Paulo: Editacuja Editora. Coleção Caravelas. [ISBN: 978-65-89407-08-9].



Não sabemos a extensão dos estragos feitos pela pandemia, podemos mensurá-los em vidas perdidas, mas deverá ter havido perdas mais fundas e, como na moralizante ideia segundo a qual, na pior das situações, a humanidade melhora, tivemos que, durante ano e meio, aprender a criar e a interagir em rede, fazendo de conta que a indesejada das gentes não batia à porta. O que foi feito pelas mídias sociais gerou encontros que ora deram bons frutos, ora não.

Detenho-me nos bons frutos e um deles é a iniciativa de promover a leitura de poesia tal qual se deu com a criação da Coleção Caravela, da Editacuja, de São Paulo. Os resultados e discussões sobre as publicações

da Coleção podem ser vistos em canais do Youtube. A coleção se compõe de sete títulos, entre os quais está *O tio da caminhonete*, que se propõe a ser um “road poem” ou variações sobre *O guardador de rebanhos*, do heterônimo pessoano Alberto Caeiro, tido por Fernando Pessoa como um “poeta bucólico, de espécie complicada” (Pessoa, 2000: 183). Se Caeiro tem suas complicações, não é menos verdade que também as têm a *persona* criada por Pablo Simpson: “Ser este homem. Ser o estrangeiro neste homem. | Conduzi-lo como se fosse ele mesmo a caminhonete | e com ela o tempo e a fortuna” (poema 1); ou “Sou um tio da caminhonete. À beira da estrada | é o que me dizem o que passa com o vento | que só fala do vento para quem o vento nada traz ele mesmo vento na areia” (poema 14). São boas complicações, que nos desafiam.

O primeiro desafio diz respeito ao projeto do livro, seja do ponto de vista gráfico (Fernando Morato não ilustra o texto, mas cria obras imagéticas inspiradas nos poemas); seja do ponto de vista dialógico, uma vez que as relações estabelecidas entre o poema originador e os poemas originados possibilitam aproximações e distanciamentos entre a elocução de Caeiro e a de Simpson. É neste nível escritural que concentro a atenção: de todos os heterônimos pessoanos, Caeiro é o que Pessoa de-

* Professor Titular, Universidade Federal do Amazonas, FLet/CLLP/PPGL

fine como mestre, sendo reconhecido como tal também pelos demais heterônimos a ponto de uma das odes de Ricardo Reis assim referi-lo: “Mestre, são plácidas | Todas as horas | Que nós perdemos, | Se no perdê-las, | Qual numa jarra, | Nós pomos flores” (PESSOA, 2019c: 33). Como bem explicou Maria Helena Nery GARCEZ (1990), no tabuleiro da existência, o jogo de perder e ganhar tem um fim claro e o homem ao volante da Chevrolet D-20 sabe disso (“Há um imperativo. A vida parou”; poema 3). Das referências contidas nas epígrafes aos momentos de solidão dentro da caminhonete ou fora dela, fumando um cigarro, o homem devaneia não só sobre o existir, mas sobre que fazer desse existir, tendo como *telos* o fazer poético: “Por isso sei com toda a certeza que não há melhor poesia | que a da caminhonete e que é descuidar-se da própria | poesia e não pensar no que há desse outro lado se faz sol | ou chuva” (poema 20). Evidencia-se aqui a relação dialógica tanto no emprego do verso livre, uma das marcas de Caeiro, como a aparente despreensão em atingir a elevação poética. Nesse nível, tanto o guardador de rebanhos quanto o tio da caminhonete são fingidores. Caeiro, um fingimento pessoano, finge não ser “de espécie complicada” e o tio da caminhonete, ouvindo Jota Quest na cabine da Chevrolet D 20, mesmo abrindo mão do juízo sobre sua própria poesia (“que especialistas em poesia talvez façam em meu lugar, | o estudo das formas do vazio, se julgarem digno ler um poeta que apenas supõe escrever versos melhores porque dirige uma caminhonete”; poema 5), sabe que a criação poética envolve riscos, daí a menção ao poeta de Pondichéry no poema 7. Neste, outro nível dialógico aparece, agora na remissão tanto à obra de Diderot em *Jacques le Fataliste* quanto ao livro de Adília Lopes (*O poeta de Pondichéry*, 2019) em que está posta a condição do criador, pendulando entre a baixa qualidade dos versos que produz e a possibilidade de fazer outra coisa como, por exemplo, ceder ao capital.

Mas Pondichéry não é só a metáfora para o destino do mau poeta, é um destino possível que não se inscreve no mapa do tio da caminhonete cuja estrada poderá conduzir tanto a Araraquara quanto a São José do Rio Preto ou a Salto del Guairá, no Paraguai. Tantos destinos possíveis, sertões que são também os bares da Vila Madalena, em São Paulo, situam esse tio da Caminhonete longe dos grandes centros de cultura, longe dos holofotes midiáticos. Ele irá para Pondichéry ou não? Esta é uma possibilidade, mas na trama quase narrativa que os poemas tecem, admite-se a permanência e o apego à terra, o que não existe na poesia de Caeiro, cujo desejo é “a simplicidade natural | De ser todo só o meu exterior” (PESSOA, 2019a: 46). Essa exterioridade no tio da caminhonete excede o plano do fazer poético e se manifesta como um processo de enraizamento que vinha se anunciando desde as epígrafes entre as quais consta uma moda de viola da autoria de Raul Torres e Serrinha. Há, portanto uma mobilidade na poesia do tio da caminhonete que não se encontra na poesia de Caeiro, cuja acinesia ainda não foi suficientemente explorada. Neste ponto, o diálogo se faz diferença, seja na construção dos versos que evocam estilemas recorrentes na lírica brasileira pela evocação nacional de maneira grandiloquente (“Não há bocas

suficientes para mastigar teus nomes | fugazes, ó terra”; poema 6), seja na evocação da figura materna, igualmente fundadora (“No canto direito do para-brisa deixei uma foto de minha mãe...”) presente tanto em modas de viola como em parte da poesia romântica brasileira.

Um segundo desafio se mostra: o humor que, muito brasileiro, parece o antípoda da contemplação no heterônimo pessoano. Uma das formas pelas quais a poesia brasileira encontrou expressão sempre foi o humor, mesmo quando o sentido de nação (recorrente nos poemas de Simpson) ainda não existia, o que se comprova nas Cartas Chilenas (de Tomás Antonio Gonzaga, século XVIII) e em alguns dos poemas atribuídos a Gregório de Matos (século XVII). Mas é durante o Romantismo que essa vertente da poesia brasileira ganha forma mais densa. Está no “Elixir do pajé”, de Bernardo Guimarães, e também no “Vagabundo”, de Álvares de Azevedo. Em outras palavras, o humor do tio da caminhonete vem de uma tradição longa e se mostra ainda mais elaborado em uma tradição moderna na qual se inscreve, por exemplo, Oswald de Andrade. Houve um momento em que o *castigat mores ridendo* pareceu perder força na poesia brasileira, sobretudo na lírica de caráter contestatório ou reflexivo tão ao gosto dos anos 2000. Em um país que passou por uma série de convulsões sociais e uma pandemia, a supressão do riso é compreensível, mas o tio da caminhonete reage a isso, ao inscrever um lema na traseira de seu Chevrolet D20: “turbinado no pé, reduzido | no mé, carona só pra muié” (poema 19). É de se cogitar a origem desse fecho para o poema 19: teria Simpson visto algo semelhante em uma caminhonete nas estradas do interior de São Paulo? Suposições à parte, não estamos distantes de certa similitude com “farinha de suruí | Pinga de Parati | Fumo de Baependi | É comê bebê pitá e caí” (ANDRADE, 1925: 41 [“Relicario”]), mas muito distantes da crítica risonha de Caeiro aos poetas místicos e aos filósofos (“Os poetas místicos são filósofos doentes, | E os filósofos são homens doidos”; poema XXVIII, PESSOA, 2019a: 55). Enquanto o humor de Caeiro desconstrói a rigidez de formulações filosóficas e poéticas, o humor de Simpson / tio da caminhonete apropria-se das falas populares, da maneira desabusada de desfazer o que o bom comportamento e o bem falar ditam como regra.

Até aqui, estabeleceram-se aproximações e distanciamentos entre a inflexão de Caeiro e a do tio da caminhonete. Porém, considerando que esta recensão opera também com um “road poem”, valeria atentar para o fato de que é outro o heterônimo pessoano que dirige um Chevrolet: “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra, | Ao luar e ao sonho, na estrada deserta, | Sozinho guio, guio quase devagar, e um pouco | Me parece, ou me forço um pouco para que me pareça, | Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo” (PESSOA, 2019b: 227). Aí está Álvaro de Campos em uma de suas melhores performances. As semelhanças entre Campos e o tio da caminhonete vão além da marca do automóvel, do ato de mover-se e não só de contemplar, mas de certa “angústia excessiva” e compreensão de si fechado dentro de uma máquina. Os versos nos quais Campos declara que “o auto-

móvel, que parecia há pouco dar-me liberdade, | É agora uma coisa onde estou fechado, | Que só posso conduzir se nele estiver fechado” (PESSOA, 2019b: 228) estão em franca relação com o que nos diz o tio da caminhonete: “Mas a minha tristeza é me ver fechado | porque é natural e justo abrir as janelas, acender o | cigarro, descobrir a cabeça e olhar para meia dúzia de almas...” (poema 1). Da mesma forma, o fato de Álvaro de Campos saber que, ao chegar a Sintra, terá querido ficar em Lisboa ecoa no campo das possibilidades para o poeta da caminhonete, sabendo que poderia ir ao Paraguai: Não vou para lá mas sei que é possível sair cedo num fim | de primavera e cruzar a fronteira antes da noite. E passar | o dia fogo etéreo na caminhonete, testar os limites dos amortecedores, acercar-me de seu potencial verdadeiro. E | do meu potencial ao volante, de minha verdade” (poema 7). Esta sucessão expectante não se dá apenas na testagem dos caminhos e das estradas, mas nas possibilidades eróticas que o tio da caminhonete prevê. Da mesma forma que acena a possibilidade do gozo com a “fininha lourinha na ponta dos pés toda de preto”, fica rindo, nervoso ao volante, “porque os homens nós dizíamos que no sexo bom | tem de penetrar, que o sexo bom é a soma da química, é descontraído, é aquele que acontece, é quando sai suado” (poema 12). A possibilidade de realização do desejo está igualmente presente no Álvaro de Campos em “Opiário”. Lá, em um navio que corta o canal de Suez, ele entrega-se ao ópio e a algum prazer (“O comissário de bordo é velhaco. | Viu-me co’a sueca... e o resto ele adivinha”; PESSOA, 2019b: 40). Do corpo feminino ao devaneio sobre como deve ser o prazer, manifesta-se outra faceta da persona criada por Simpson, a da masculinidade que se confirma no gosto pelo automóvel, pela máquina que é, também ela, dimensão fálica.

Por fim, se o poema é um conjunto de variações em diálogo com a poesia de Caeiro como também um “road poem”, a que resultado essa combinação, sinuosa como algumas estradas, irá nos levar? A decisão é sempre do leitor cuja afinidade com a poesia de Pablo Simpson, assim como com outras manifestações poéticas, é uma construção. Ou uma viagem.

Bibliografia

- ANDRADE, Oswald de (1925). *Pousia Pau Brasil*. Paris: San Pareil. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7829>
- GARCEZ, Maria Helena Nery (1990). *O tabuleiro antigo: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP).
- PESSOA, Fernando (2020). *Antologia mínima – Prosa*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. Contém a carta a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935.
- ____ (2019a). *Obra completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china. 1.^a edição de bolso: setembro de 2019.
- ____ (2019b). *Obra completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china. 1.^a edição de bolso: setembro de 2019.
- ____ (2019c). *Obra completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta-da-china. 1.^a edição de bolso: setembro de 2019.

GABRIEL ALBUQUERQUE é Professor Titular pela Universidade Federal do Amazonas (2019). Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (1990), mestrado em Letras – Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Letras – Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2002). Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (2006-2007) onde desenvolveu o projeto “Elaboração de Indicadores e processos de avaliação e acompanhamento para monitoramento dos programas de bolsas da FAPEAM”. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em estudos de poesia brasileira contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: poesia brasileira, metodologia da leitura, a Amazônia e a cultura brasileira. Foi coordenador da Universidade Aberta do Brasil e Diretor Executivo do Centro de Educação a Distância da UFAM entre 2009 e 2016. Vem desenvolvendo trabalhos voltados para as relações entre literatura e suportes digitais como também sobre a produção literária em condição insular.

GABRIEL ALBUQUERQUE is a Full Professor at the Federal University of Amazonas (UFAM), a position he has held since 2019. He holds a BA in Portuguese Language and Literature from the Federal University of Amazonas (1990), an MA in Brazilian Literature from the University of São Paulo (1997), and a PhD in Brazilian Literature from the University of São Paulo (2002). He was a research fellow at the Foundation for Research Support of the State of Amazonas (FAPEAM) (2006-2007), where he developed the project “Development of Indicators and Evaluation and Monitoring Processes for FAPEAM’s Scholarship Programs.” His research focuses on Brazilian contemporary poetry, with an emphasis on Brazilian poetry, reading methodology, the Amazon, and Brazilian culture. From 2009 to 2016, he served as Coordinator of the Open University of Brazil Program and as Executive Director of the Distance Education Center at UFAM. He has been developing research on the relationships between literature and digital media, as well as on literary production in insular conditions.